

Memória e história local. Um livro também para Geógrafos Local memory and history. A book also for geographers

Fernando Rebelo

Professor Catedrático Jubilado. Departamento de Geografia. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra.
fernandorebelo4@gmail.com

Lançado em Idanha-a-Nova no dia 18 de Dezembro de 2010, com a coordenação de João Marinho dos Santos e de António Silveira Catana, o livro *Memória e História Local. Colóquio Internacional realizado em Idanha-a-Nova*, co-editado pelo Centro de História da Sociedade e da Cultura da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pelo Município de Idanha-a-Nova e pela Palimage (Coimbra, 2010), merece bem a atenção dos geógrafos.

1. Estive em Idanha-a-Nova, pela primeira vez, em 1964, numa viagem de estudo dirigida pelo então meu professor Alfredo Fernandes Martins e voltei, com ele, pelo menos, mais sete vezes. Tendo trabalhado na Beira Baixa com Orlando Ribeiro, Fernandes Martins ficou para sempre com um enorme gosto pelas paisagens desta região e, como professor excepcional que era, conseguiu incutir nos alunos o gosto pelas matérias que ensinava. Por isso, após a sua morte, em Dezembro de 1982, quando comecei a lecionar Geografia de Portugal na Licenciatura em Geografia, a Beira Baixa era tema obrigatório e a falha da Idanha era sempre chamada à colação. Se, a pouco e pouco, as viagens de estudo foram diminuindo, as imagens da Beira Baixa, projectadas nas aulas através de diapositivos, passaram a servir de ilustração, tentando colmatar a dificuldade em viajar para áreas distantes, primeiro, pelo elevado número de alunos, depois, pelas tão conhecidas limitações orçamentais. Mas os diapositivos ajudaram muito. Sempre que me foi possível, substituí os mais antigos por outros mais recentes e de melhor qualidade. Exatamente em 2010, introduzi nas aulas sobre esta região fotografias digitais realizadas no ano anterior, em dia de céu azul, de primavera, com as formas do relevo bem iluminadas, salientando a falha da Idanha (vim mesmo a publicar uma delas - REBELO, 2013). Na verdade, a Idanha-a-Nova esteve muito mais presente na minha vida de professor de Geografia de Portugal, do que na minha vida de estudante da Licenciatura em Geografia há 50 anos atrás.

Para um geógrafo físico, a falha da Idanha, como lhe chamava Fernandes Martins, nas suas aulas magistrais, ou falha do Ponsul, como lhe chamava Orlando Ribeiro, separa o relevo da Beira Baixa do relevo do Alto Alentejo. Idanha-a-Nova está debruçada sobre a escarpa de falha. Por isso, de lá pode apreciar-se a grandiosidade das áreas planas que se desenvolvem para sul. Do mesmo modo, descendo a escarpa, um pouco adiante, no bloco abatido, pode observar-se a imponência da falha, com Idanha-a-Nova a dominar a paisagem de cerca de 100 metros de

altura. No entanto, com bom tempo, aproveitava-se também para ver ao longe a Cordilheira Central, com os seus dois blocos levantados, no caso, podendo distinguir-se o bloco sueste, com grande parte da Serra da Gardunha, e o bloco noroeste, com os cimos da Serra da Estrela, particularmente nítidos quando tenham neve. Claro que não há campo de visão para observar as áreas deprimidas, sejam elas a Cova da Beira ou a bacia de Sarzedas. Mas bem mais perto, pode admirar-se o relevo saliente de Monsanto, que todos os geógrafos conhecem pela designação que lhe foi atribuída por Orlando Ribeiro, “inselberg” (ou monte-ilha), talhado em granitos sob clima tropical de características certamente secas, em tempos longínquos do Pliocénico e que, nas suas palavras, se relacionava “com superfícies de sopé semi-áridas”. Do mesmo local, pode igualmente admirar-se a Serra da Penha Garcia, correspondendo, geologicamente, a “um sinclinal quartzítico”, como dizia o mesmo professor, e, morfologicamente, a um relevo saliente devido à dureza da rocha.

Também uma forma talhada em quartzitos, talvez a “menina dos olhos” de Orlando Ribeiro, aquela que se chama Portas do Ródão, está relativamente perto. Recordo com alguma emoção a homenagem póstuma que aí lhe foi feita há poucos anos (22 de Abril de 2007), na presença de sua mulher, Suzanne Daveau. Orlando Ribeiro foi, indubitavelmente, o geógrafo da Beira Baixa, aquele que primeiro estudou e deu a conhecer aos geógrafos de todo o mundo as mais belas paisagens desta região do nosso país. Fê-lo não só através de textos escritos, fotografias e esquemas, mas também através de uma famosa excursão que dirigiu no âmbito do Congresso Internacional de Geografia de Lisboa, em 1949, e da qual nos deixou um belíssimo livro guia (*Le Portugal Central*, Lisbonne, UGI, 1949), reimpresso em 1982.

No entanto, o nome de Orlando Ribeiro associa-se mais à Geografia Humana do que à Geografia Física, que tanto praticou na primeira parte da sua carreira. Na Beira Baixa realizou muitas observações também nessa área científica. No referido livro guia, salientou, por exemplo, o contraste maior que pôde observar na região - o “campo” e a “charneca”, sendo que o campo correspondia a áreas graníticas e a charneca a áreas xistosas. Como os granitos se alteram, dando, como escreveu, “solo profundo, móvel e contínuo”, aí assinalou maior densidade de população, grandes aldeias, terras de cereais por excelência, grandes arroteamentos. Pelo contrário, na “charneca” assinalou grandes extensões de mato com espécies odoríferas, pequenos grupos de casas, culturas pobres.

2. A Geografia foi durante muito tempo utilizada como base para a introdução a estudos de História. Convém frisar que o livro *Memória e História Local* não esquece a velha tradição, indo até mais longe do que isso. Aliás, se há especialidade histórica em que a Geografia se pode revelar de grande importância é exatamente a História Local. Talvez por isso, tomo a liberdade de começar quase pelo fim do livro, onde se encontra um interessante caso de interdisciplinaridade. Maria Adelaide Neto Salvado faz quase uma biogeografia histórica na sua comunicação intitulada “Os sobreiros e as novas espécies arbóreas na raia das Idanhas no séc. XIX - economia, impacto ambiental e cultura popular”. Logo na primeira página do seu estudo (p. 401) diz que “de longa data vinha a utilização da cortiça na região raiana”, ilustrando a afirmação com um documento de 1505. Curiosamente, não refere qualquer documento dos séculos XVII e XVIII sobre a matéria, mas escreve que “a partir da década de 70 do século XIX estas árvores passaram a ser objecto de uma sistemática exploração exclusivamente para a extracção da cortiça” (p. 402). É geralmente aceite, tanto por geólogos e geógrafos como por historiadores, que os séculos XV e XVI foram quentes na Europa e Norte de África, mas que os séculos XVII e XVIII foram frios, só se tendo passado para o ciclo de “reaquecimento”, que tudo indica ainda estejamos a viver, pelo menos no hemisfério norte, a partir de 1850 (CHALINE, 1985) ou 1860 (LADURIE, 2009). Será que os sobreiros perderam importância durante os tempos frios? Nos anos quentes da década de 1940, Orlando Ribeiro salientou os sobreiros da Beira Baixa, lado a lado com a oliveira, referindo-se expressamente à produção de cortiça (RIBEIRO, 1949). Adelaide Salvado dá-lhes honra de título. Mas, tal como Orlando Ribeiro, também nada diz sobre o que se passou com eles naquele período frio histórico. Não creio que tenham desaparecido, mas poderão ter perdido importância económica nessa época. Deste trabalho de Adelaide Salvado, destaco igualmente, os casos concretos de impactos negativos dos eucaliptais, que só não vê quem não faz trabalho de campo.

3. Um livro, todavia, deve começar a ler-se pelo princípio. E no princípio deste, ressalta um pequeno texto de João Marinho dos Santos em que, logo nas primeiras frases, se lembra o turismo, mas, aproveitando uma notícia então vinda do lado espanhol, se salienta o turismo que hoje interessa, o turismo de qualidade. Creio que é uma espécie de aviso - temos matéria mais que suficiente para fazer um turismo de qualidade. Com efeito, imediatamente a seguir, faz-se referência à Exposição “Oito pinturas da matriz de Idanha-a-Nova” e as oito figuras a cores que a recordam constituem elementos bem importantes para que se pense em turismo de qualidade. A Exposição Bibliográfica, realizada também por altura do Colóquio, fica testemunhada com 10 páginas de títulos de trabalhos relacionados com a temática em causa, muitos dos quais também recordam matéria que pode enriquecer textos adaptados ao tipo de turismo que se pretende incentivar.

Quanto aos trabalhos científicos publicados, o primeiro, da autoria de Margarida Sobral Neto, “Percurso da História Local Portuguesa. Monografias e representações de identidades locais”, mostra como no passado se fazia a História Local e como agora se faz a Nova História Local, defendendo-a como uma História Aplicada. A comunicação é enriquecida por uma longa bibliografia, de seis páginas. Esta aplicação pode perfeitamente entender-se como uma aplicação ao turismo

Em seguida, José Pedro Paiva faz uma descida ao pormenor com um caso de estudo - “Práticas e crenças mágico-supersticiosas na região de Idanha-a-Nova. Uma perspectiva a partir de documentação inquisitorial”. Na fronteira entre a História e a Antropologia Cultural deixa-nos a ideia de que perseguições e castigos não foram capazes de apagar algumas das tradições populares nessa matéria.

Depois, António Silveira Catana, partindo de considerações históricas, trata do presente ao escrever sobre “Mistérios da Semana Santa em Idanha”. Acompanha o texto com fotografias da realidade atual. Refere-se a toda a região da Idanha, apresentando um conjunto de reflexões e apontamentos de carácter religioso, por vezes, de uma religiosidade popular em regra estudada pela Antropologia Cultural. Começa com casos concretos em Segura e Alcáfozes e termina, quase 30 páginas depois, com a famosa “romaria da Senhora do Almortão”, ficando bem clara uma diferença em relação aos casos melhor conhecidos das Semanas Santas da vizinha Espanha, o que pode ser uma mais valia em termos de desenvolvimento das potencialidades turísticas conhecidas.

“Judeus no concelho de Idanha-a-Nova, no século XVII”, por Maria Antonieta Garcia, baseia-se na análise de percursos de vida de gentes do concelho e revela perseguições e fugas, mas também prisões e mortes, às vezes, mesmo quando pensavam já ter a segurança do exílio.

O Colóquio era Internacional. Daí que, por exemplo, Blythe Alice Raviola, da Universidade de Turim, apareça com um estudo intitulado “Los estados pequeños de Itália entre historia local, micro-historia e historia regional: ejemplos y perspectivas de investigación”.

Voltando a temas portugueses, um novo estudo de caso é trazido por António Pires Nunes - “Expostos no concelho de Castelo Branco”. O Autor analisa os Regulamentos de 1840 e de 1880 em confrontação com o que antes se passava no concelho.

Em seguida, de novo na fronteira da História com a Antropologia Cultural, vem uma comunicação de Florentino Beirão, com o título de “As Benditas Almas na Religiosidade Popular”. O Autor dá pistas claras para aproveitamento turístico.

Bem diferente é o trabalho de Mateus Filipe, que escreve sobre “As Idanhas, os Poderes e as Memórias”, referindo-se particularmente às Memórias Paroquiais de 1758. Por essa época, e na sequência do Terramoto de 1755, os Inquéritos de 1756/1758 foram importantes, não podendo deixar de ser também referidos pelo Autor, tal como já o haviam sido no âmbito de estudos de manifestações

de riscos (por exemplo, SARMENTO e CARDOSO, 2006). O mesmo se passa com a *Corografia* do padre Carvalho da Costa, apesar de uns 50 anos mais antiga do que os Inquéritos.

Um dos mais extensos trabalhos publicados neste livro, com quase 50 páginas, é o de Pedro Salgado e intitula-se “Idanha-a-Velha: um rosto periférico da memória. Elementos para a história do património igeditano”. Trata-se de um aprofundar da temática da riqueza patrimonial de Idanha-a-Velha, onde me foi muito caro encontrar uma referência ao que o Autor chama “o triângulo turístico Monfortinho-Monsanto-Idanha-a-Velha, que antecedeu outras visões, mais territorializadas”; pessoalmente penso que este triângulo corresponde a funções turísticas complementares (turismo termal, turismo geográfico, turismo histórico), que devem ser apresentadas ao público apoiadas em textos de qualidade.

A comunicação seguinte é assinada por Miguel Angel Melón Jiménez e tem como título “Contrabando e contrabandistas na fronteira de Portugal. Os acontecimentos de Ceclavin em 1755”. Trata-se de um tema forte e recorrente ao longo da História de Portugal e de Espanha. Ainda nos anos 1950 eu próprio, ainda menino, estive com um grupo de pessoas silenciosas e apreensivas, nas muralhas de Monção, a observar três contrabandistas que, com uma lentidão impressionante atravessavam a nado o Rio Minho de Espanha para Portugal - ninguém disse o que traziam, mas seria forçosamente muito pouco. 20 anos depois, ia de Valença para Vigo numa automotora que, em dado momento, relativamente perto da fronteira, parou em plena linha; vi então alguém a introduzir sacos de café pela porta da frente, certamente para entrarem clandestinamente em Espanha...Ambos os factos ocorreram à luz do dia. Neste caso de estudo, em Ceclavin (Cáceres) as quantidades contrabandeadas eram bem maiores e os conviventes numerosos.

“Geopark Naturtejo: um instrumento para a concretização de um desenvolvimento local sustentável”, comunicação de Maria Manuela Catana, não é propriamente um estudo de História Local, mas é, sem dúvida, um documento para a História quando apresenta os passos que marcaram a evolução de uma ideia desde o seu aparecimento até à sua concretização. Por outras palavras, partindo de factos geológicos e geográficos relacionados em primeiro lugar com a paisagem espetacular das Portas do Ródão, alargando à paisagem da região, passando pela Educação Ambiental e desembocando no Turismo, um pequeno grupo de pessoas conseguiu chegar ao reconhecimento público nacional e internacional do trabalho realizado, culminando na inclusão do “seu” Parque na Rede de Geoparques da UNESCO.

Logo a seguir, encontramos uma comunicação sobre uma figura ímpar da História Local que, pelo seu valor, se viu projectada no país - “José Silvestre Ribeiro: idanhense, liberal, europeísta”, da autoria de Maria João Vieira. Saliencia-se o lutador que, ainda estudante, se alistou no Batalhão Rebelde dos Voluntários Académicos, mas também o político e o académico.

A História Local irá aparecer depois sob a forma (se assim me é permitido dizer) de História da Educação - “Educação e História Local: uma experiência em Penamacor no final dos anos 40 (séc. XX)”, da autoria de Hélder Manuel Guerra Henriques, refere-se a museus escolares, descendo ao pormenor, ao estudo de caso, com o que foi criado naquela época em Penamacor.

De novo na fronteira entre História e Antropologia Cultural, “Fontes da Beira Interior. Segredos da Água e da Pedra”, de António Maria Romeiro Carvalho, traz-nos à memória um pouco da Geografia Humana praticada em Coimbra por Amorim Girão (REBELO, 2008), tal como nos transporta às referências que, na sua *Etnografia Portuguesa*, José Leite de Vasconcelos faz aos caracteres psíquicos do povo português, em especial, ao seu carácter poético, mas também à sua tendência para o amor... Diz o Mestre: “Em todos os tempos o Português se manifestou eminentemente amoroso” (*Etnografia Portuguesa*, vol. IV, 1958: 487). No entanto, também nos transporta às noites de São João no Porto, onde há mais de 50 anos vi e ouvi ranchos de mulheres, avançando rapidamente pelo meio da multidão, a cantar os versos que o Autor recolheu na Beira Interior e publicou na página 341. Como geógrafo, por várias vezes me apercebi de que a área de influência da cidade do Porto se estendia com alguma intensidade para a Beira Interior. Observações como esta podem significar que a origem do facto esteja bem longe no tempo, através de migrações desta área para a cidade nortenha.

Em seguida, da autoria de José Teodoro Prata, “A Guerra dos Sete Anos em S. Vicente da Beira: a casa da Câmara e a festa do Santo Cristo” mostra-nos consequências de uma invasão ocorrida em 1762 e que marcou as regiões fronteiriças desde Almeida a Castelo Branco. O Autor, que considera essa Guerra como uma guerra de âmbito mundial, refere-se às suas consequências no então concelho de S. Vicente da Beira, tanto no respeitante a mortes e prisões, como no respeitante a incêndios provocados em habitações e na própria Câmara, salientando, quanto a esta, o complexo processo da sua reconstrução.

Bem mais conhecido, todavia, parece ser o período das “invasões francesas”. A comunicação que se segue, intitula-se “200 anos da Guerra Peninsular: que memórias em Idanha-a-Nova?”, e é da responsabilidade de Joaquim Candeias da Silva. Tenha esse período começado com a chamada Guerra das Laranjas, em 1801, ou com a invasão de Junot, em 1807, a verdade é que estão passados 200 anos. E é 200 anos depois que o Autor se debruça sobre o “papel desempenhado por Idanha-a-Nova no contexto político-militar da época” (p. 379).

Depois, vem a comunicação que, como referi de início, quase poderá considerar-se Biogeografia Histórica. No entanto, Maria Adelaide Neto Salgado, que escreve sobre “Os sobreiros e as novas espécies arbóreas na raia das Idanhas no séc. XIX”, vai muito além da Biogeografia, tratando de “economia, impacto ambiental e cultura popular”, alargando o campo da sua investigação a vários aspetos da Geografia Histórica.

4. *Memória e História Local* termina com um texto de João Marinho dos Santos, intitulado “O factor cultural no desenvolvimento e a finalidade cultural do desenvolvimento - especificidades da Beira Interior”, e com outro, assinado por Maria Helena da Cruz Coelho, sobre a “Apresentação da obra de João Marinho dos Santos - *Notícias e Memórias Paroquiais Setecentistas, 6, Castelo Branco*” (Coimbra, Palimage, 2009).

Não se pode afirmar que o texto de João Marinho dos Santos corresponde, exactamente, à conclusão do livro, até porque, correspondendo às Atas do Colóquio realizado em 19, 20 e 21 de Junho de 2009, em Idanha-a-Nova, não faria sentido uma conclusão geral. Mas, em certa medida, pode ser entendido, praticamente, como uma conclusão. O texto é uma reflexão sobre o desenvolvimento que se pretende para a região, baseado na realidade cultural, viva e verdadeira, assente num passado que fica melhor conhecido através das comunicações apresentadas.

Por sua vez, o texto de Maria Helena da Cruz Coelho dá a conhecer, passo a passo, o referido livro de João Marinho dos Santos, lançado no final do Colóquio, não sem antes mostrar o curriculum brilhante deste nosso comum colega e amigo.

Referências bibliográficas

- CHALINE, Jean (1985) - *Histoire de l'Homme et des Climats au Quaternaire*. Paris, Doin, 366 p.
- LADURIE, Emmanuel Le Roy (2009) - *Histoire humaine et comparée du climat*. Tome III - *Le réchauffement de 1860 à nos jours*. Paris, Fayard, 461 p.
- REBELO, Fernando (2008) - *A Geografia Física de Portugal na vida e obra de quatro professores universitários - Amorim Girão, Orlando Ribeiro, Fernandes Martins, Pereira de Oliveira*. Coimbra, MinervaCoimbra, 109 p. + 14 fotografias a preto e branco.
- REBELO, Fernando (2013) - *Portugal. Geografia, Paisagens e Interdisciplinaridade*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 170 p.
- RIBEIRO, Orlando (1949) - *Le Portugal Central*. Lisbonne, UGI, 180 p. + XXII planches + X cartes (Réimpression: 1982).
- SARMENTO, Clara e CARDOSO, Alexandre (2006) - “Testemunhos históricos da influência do terramoto de 1755 na laguna de Aveiro”. *Territorium*, 13, pp. 93-104.
- VASCONCELOS, José Leite de (1958) - *Etnografia Portuguesa*, vol. IV. Lisboa, Imprensa Nacional, 666 p.